

ANÁLISE DESCRITIVA DAS HOSPITALIZAÇÕES POR ESPOROTRICOSE NA REGIÃO SUL DO BRASIL ENTRE 2003 E 2023

KETRYN LEMOS¹; LUCAS FERREIRA SANTOS DE MELO²; MATHEUS ALMEIDA FRANÇA³; CRISTIELE FIUZA SOARES⁴; BIANCA CONRAD BOHM⁵; FÁBIO RAPHAEL PASCOTI BRUHN⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – *ketylemos135@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *lucas.fsm@gmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *matheusfranca13@hotmail.com*

⁴Universidade Federal do Pampa – *cristielesoares.aluno@unipampa.edu.br*

⁵Universidade Federal de Pelotas – *biankabohm@hotmail.com*

⁶Universidade Federal de Pelotas – *fabiopbruhn@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose causada por fungos do gênero *Sporothrix*. A forma clássica da doença ocorre a partir da inoculação do fungo através de ferimentos causados por espinhos, madeira ou vegetação em decomposição contaminados, sendo conhecida como a “doença dos jardineiros”. A forma zoonótica, transmitida por arranhaduras, mordeduras ou contato com exsudato de animais infectados, principalmente gatos, é a forma mais relatada da doença e apresenta um alto potencial epidêmico (FERREIRA, 2022; TÓFFOLI et al., 2022).

Em humanos, a doença se manifesta de várias formas, resultando em diferentes classificações (COURA, 2013). As principais formas clínicas da doença são a esporotricose cutânea, linfocutânea, extracutânea e disseminada, sendo a linfocutânea a mais comum (BRASIL, s.d; TOFFOLI et al., 2022). A forma sistêmica da doença pode ocorrer principalmente em pessoas imunossuprimidas, especialmente as infectadas pelo HIV (COURA, 2013; TÓFFOLI et al., 2022).

É considerada uma doença negligenciada e um problema de saúde pública, afetando principalmente a população economicamente vulnerável, que não possui acesso adequado aos serviços de saúde (SBD, 2021; FERREIRA, 2022). Nos últimos anos, a esporotricose apresentou mudanças relevantes em sua transmissibilidade, agentes envolvidos e espécies afetadas, evidenciando a necessidade de novos estudos e pesquisas para compreender melhor o agente causador e maneiras eficazes de combatê-lo (TÓFFOLI et al., 2022).

Com base nessas constatações, este estudo tem como objetivo realizar uma análise descritiva do perfil das internações hospitalares por esporotricose no período de 2003 a 2023.

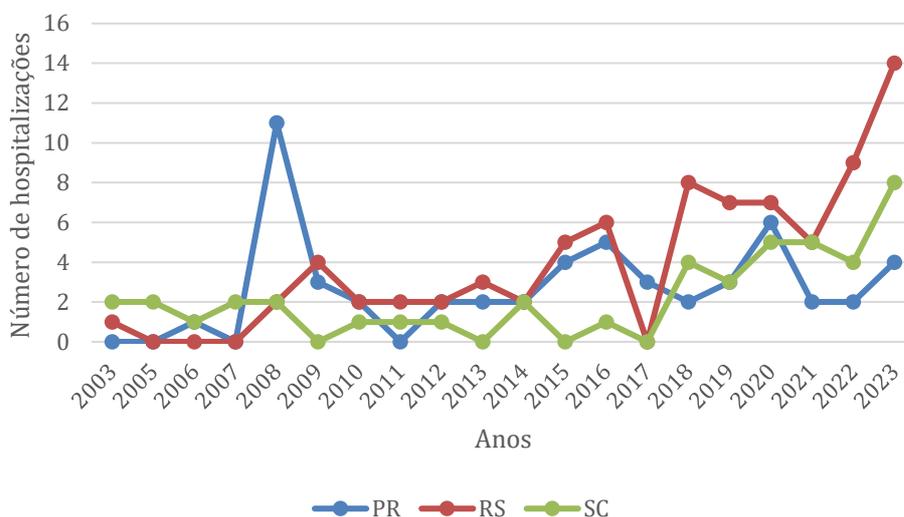
2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo ecológico retrospectivo utilizando dados sobre casos de hospitalizações por esporotricose na região sul do Brasil, no período de 2003 a 2023. Os dados foram obtidos de forma anonimizada através do domínio público do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH-SUS), fornecido pelo DATASUS (tabulados pela Coordenação Geral de Gestão de Sistemas de Informações em Saúde (CGSI)).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos no SIH-SUS apontou que, entre 2003 e 2023, foram registradas 177 internações hospitalares por esporotricose na região Sul do Brasil. Essas internações estão divididas em 79 internações no estado do Rio Grande do Sul, 54 no estado do Paraná, e 44 no estado de Santa Catarina, conforme demonstrado na figura 1. Os municípios com o maior número de registros em cada estado são Campo Largo e Curitiba, no Paraná; Porto Alegre e Rio Grande, no Rio Grande do Sul, e Florianópolis e Joinville, em Santa Catarina. Segundo MICHELON et al. (2019), o Rio Grande do Sul apresenta um número crescente de casos de esporotricose, com destaque para os municípios de Pelotas e Rio Grande, localizados no sul do estado.

Figura 1 – Número de hospitalizações por esporotricose nos estados do Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS) no período de 2003 a 2023.



A esporotricose é uma doença que pode afetar qualquer pessoa, independentemente da idade ou sexo, embora alguns hábitos ocupacionais e recreativos, como jardinagem, atividades profissionais e a criação de animais, possam aumentar o risco de infecção (MORGADO, 2022). A tabela 1 mostra as hospitalizações por faixa etária e sexo. Em relação à faixa etária, os indivíduos entre 21 e 59 anos foram os mais afetados pela esporotricose (92/177; 51,9%). Quanto ao sexo, as mulheres apresentaram um número ligeiramente maior de hospitalizações (91/177; 51,4%). Os dados encontrados corroboram com o autor citado, uma vez que a faixa etária acometida corresponde à vida adulta, período em que os hábitos descritos costumam ser mais comuns. Embora as mulheres tenham sido ligeiramente mais acometidas, a diferença entre os gêneros é pequena (91 casos entre as mulheres e 86 casos entre os homens), reforçando o fato de que a esporotricose pode afetar ambos os sexos de maneira similar.

Tabela 1 – Faixa etária e sexo dos pacientes acometidos pela esporotricose na região Sul do Brasil, entre 2003 e 2023.

Faixa etária	F (%)	M (%)	Total (%)
0 - 5	3 (1,6%)	5 (2,8%)	8 (4,5%)
6 - 12	6 (3,3%)	3 (1,6%)	9 (5%)
13 - 20	3 (1,6%)	2 (1,1%)	5 (2,8%)
21 - 59	47 (26,5%)	45 (25,4%)	92 (51,9%)
>= 60	32 (18%)	31 (17,5%)	63 (35,5%)
Total	91 (51,4%)	86 (48,5%)	177 (100%)

Os resultados apontam um aumento no número de hospitalizações por esporotricose, sugerindo também um aumento no número de casos. Conforme MICHELON et al. (2019), a transmissão zoonótica, especialmente através de gatos infectados, tem sido uma fonte significativa de infecção no Brasil; o que pode justificar a alta incidência de internações nos três estados. O Sistema Único de Saúde (SUS) registrou um gasto total de R\$ 167.290,22 com essas hospitalizações, é um valor expressivo e que poderia ser reduzido se houvessem mais políticas de prevenção e disseminação de mais informações a respeito da esporotricose.

É uma doença negligenciada, sendo esse um dos motivos para a dificuldade no diagnóstico e tratamento. A mobilização comunitária, atividades de educação em saúde e principalmente a abordagem da doença no contexto de Saúde Única, com o envolvimento de profissionais de diversas áreas, são imprescindíveis para o seu controle (ASSIS et al., 2022; TÓFFOLI, 2022).

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que, entre 2003 e 2023, foram registradas 177 internações hospitalares por esporotricose na região Sul do Brasil, gerando um gasto significativo para o Sistema Único de Saúde (SUS). A esporotricose é um problema de saúde pública devido ao seu caráter zoonótico, necessitando de ações voltadas para conscientização da população em geral a respeito da sua epidemiologia e patologia. Além disso, é fundamental a participação de profissionais de diversas áreas para coleta de dados e controle eficaz da doença.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, G. et al. Esporotricose felina e saúde pública. **Veterinária e Zootecnia**, v. 29, p. 001-010, 2022.

BRASIL. **Esporotricose Humana**. Ministério da Saúde, s.d. Acessado em 22 set. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/esporotricose-humana>

COURA, J. R. **Dinâmica das Doenças Infecciosas e Parasitárias**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. 2v.

FERREIRA, V. C. D. **Distribuição espacial e temporal da esporotricose humana e animal na região metropolitana do Rio de Janeiro de 2013 a 2020**. 2022. 85f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-graduação em Epidemiologia em Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

MICHELON, L. et al. Dados epidemiológicos da esporotricose felina na região Sul Do Rio Grande do Sul: uma abordagem em saúde pública. **Brazilian Journal of health Review**, Curitiba, v. 2, n. 6, p. 4874-4890, 2019.

MORGADO, D. S. **Epidemiologia molecular da esporotricose humana e animal no mundo: uma revisão sistemática**. 2022. 76f. Dissertação (Mestrado em Biociências e Biotecnologia) - Programa de Pós-graduação em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas, Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA, SBD. **Esporotricose**. 11 out. 2021. Acessado em 22 set. 2024. Disponível em: <https://www.sbd.org.br/doencas/esporotricose/>

TÓFFOLI, E. L. et al. Esporotricose, um problema de saúde pública: Revisão. **Pubvet**, Brasil, v. 16, n. 12, p. 1-7, 2022.